

## **A trajetória de uma liderança: história de vida e ação sindical em Volta Redonda**

Sérgio Martins Pereira<sup>1</sup>

Este trabalho tem como ponto de partida a trajetória de uma das principais lideranças que atuaram no Sindicato dos Metalúrgicos de Volta Redonda (SMVR) nos últimos 20 anos. Parte considerável das transformações e dos destinos experimentados pelo SMVR será revelada a partir da história de vida de seu militante e ex-presidente Luiz de Oliveira Rodrigues, o *Luizinho*.

Apesar de seu forte envolvimento com as forças políticas em evidência no sindicalismo dos anos 1980 (Igreja Católica, CUT, PT), a liderança de *Luizinho* ganharia uma maior projeção apenas nos anos 1990. Expulso da diretoria do sindicato por mostrar-se favorável à privatização da Companhia Siderúrgica Nacional, o sindicalista conseguiu reunir sob sua liderança um grupo de “antigos” e “novos” ativistas que, apoiado pela recém criada Força Sindical, assumiria o SMVR após vencer a eleição sindical de 1992.

A partir de uma particular combinação entre ação sindical e história pessoal, este estudo lança luz sobre o modo como certas instituições (igreja, partido político, vizinhança, família etc.) influenciam as atuações de lideranças sindicais, revelando sobretudo o peso destas entidades sobre a dinâmica sindical de Volta Redonda.

### **O Sindicato**

A história do SMVR foi por muito tempo marcada por uma trajetória de resistência dos trabalhadores a um domínio muito particular. A raiz principal desta especificidade remonta à instalação da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) e à construção da cidade-operária a partir da década de 1940. Deste modo, grande parte do desenvolvimento da ação sindical em Volta Redonda manteve-se quase inseparavelmente ligada à capacidade do sindicato em atuar diante do poder autoritário e militarizado do Estado.

Por outro lado, as características singulares de uma cidade-operária, onde a gestão da empresa e do espaço encontra-se concentrada nas mãos de um mesmo agente,

proporcionou outras formas de atuação para a entidade sindical. O fato de a companhia ter sido responsável pela moradia de seus trabalhadores e pelos demais serviços públicos, como conservação e limpeza das ruas, transporte, lazer, segurança, hospitais, bombeiros etc., fez com que o sindicato desenvolvesse uma cultura de reivindicação mais abrangente. Associada a outras instituições e movimentos sociais (como a igreja e os partidos políticos), esta militância se estendia para áreas muito além das questões apenas econômicas ou trabalhistas<sup>2</sup>.

Paralelamente ao desenvolvimento da cidade, os anos 1960 e 1970 trariam para o movimento sindical as mazelas do regime autoritário instalado a partir de 1964. Contudo, neste mesmo período desenvolve-se em Volta Redonda uma rearticulação entre os movimentos sociais consideravelmente liderada pela Igreja Católica. Desde a posse de D. Waldyr Calheiros na diocese de Volta Redonda em 1966, a igreja *renovada*<sup>3</sup> assumiria um papel central na organização do movimento social, contribuindo para a formação lideranças que viriam a despontar nas associações de bairros, nos partidos políticos e, principalmente, no Sindicato dos Metalúrgicos.

Amparado por esta particular combinação entre o movimento operário e as demais instituições, o sindicalismo de Volta Redonda, ao longo de sua história, vem conhecendo a influência das transformações político-econômicas por que passou o país nos últimos 50 anos. Alguns analistas já enquadraram os diferentes momentos do SMVR em diversos paradigmas de ação sindical, normalmente associando tais modelos a mudanças conjunturais mais amplas.

Deste modo, a trajetória do SMVR pode ser classificada como tendo sua origem no “sindicalismo corporativo”<sup>4</sup>. A “superação” desta primeira fase teria habilitado os metalúrgicos de Volta Redonda a uma aproximação com o *novo sindicalismo* e com o surgimento da Central Única dos Trabalhadores (CUT), no contexto das lutas pela redemocratização nas décadas de 1970 e 1980<sup>5</sup>. Já a conjuntura recessiva e de privatizações de início dos anos 1990 teria impelido à passagem de um sindicalismo de

“enfrentamento” a uma concepção de parceria, culminando na sua “adesão” à central *Força Sindical* em 1991<sup>6</sup>.

Para além do poder dessas conjunturas sobre a atuação sindical, muitos dos embates ocorridos em Volta Redonda também giraram em torno, e em larga medida, Do envolvimento de militantes sindicais com as instituições oriundas do movimento social, os partidos políticos e a Igreja Católica. Para se ter uma idéia destas relações, o apoio aberto do sindicato a políticos da região era fato comum, assim como a própria candidatura de sindicalistas a cargos eletivos. Juarez Antunes, presidente do SMVR entre 1983 e 1989 e sua mais expressiva liderança, por exemplo, foi eleito deputado constituinte em 1986 e prefeito de Volta Redonda em 1988. Também foi bastante significativa a presença da Igreja Católica nos movimentos sociais de Volta Redonda, seja pela constante figura do *Bispo de Volta Redonda*, Dom Waldyr Calheiros, ou pelo importante papel da igreja e da *Ação Católica Operária* na formação de lideranças sindicais<sup>7</sup>.

Não obstante esse passado de resistência e articulação entre movimentos sociais, a década de 1990 traria novos desafios ao sindicalismo de Volta Redonda. Já no início desses anos, o processo de reestruturação da CSN, ou o *saneamento* da companhia, como fora chamado por Roberto Procópio de Lima Netto<sup>8</sup>, seu diretor à época e idealizador do *plano de recuperação*, trouxe um considerável número de demissões. O objetivo era preparar a empresa para a privatização, ocorrida em 1993. Seu efetivo de 22.000 funcionários em 1989 foi reduzido para 15.000 em 1993, atingindo os 9.000 em 1997, mantendo-se nos dias atuais em torno dos 8.000 trabalhadores.

No plano do ativismo sindical, a proposta de privatização da CSN apresentou-se como um verdadeiro “divisor de águas” em Volta Redonda. As divergências antigas ganharam então a forma dos “contrários” ou dos “favoráveis” à venda da companhia. Com a confirmação da transferência do controle acionário da CSN ao capital privado e a continuidade da reestruturação da empresa, a manutenção do emprego foi trazida ao centro dos anseios dos trabalhadores de Volta Redonda.

## A mudança

Após a morte de Juarez Antunes em 1989 reacenderam-se em Volta Redonda antigas divergências. O grupo que chegou ao poder nas eleições subseqüentes tratava-se de uma composição entre as principais correntes que atuavam no movimento sindical da cidade. A presidência do sindicato ficaria com Wagner Barcellos, militante ligado a Igreja Católica<sup>9</sup>. A diretoria abrigava ainda Luiz Albano, membro do Partido dos Trabalhadores, além de Marcelo Felício, assim como Juarez Antunes, ligado ao PDT<sup>10</sup>.

Ainda que houvesse divergências internas, principalmente quanto ao maior ou menor enfrentamento com empresas e gerências e ao envolvimento ou não do sindicato com os partidos políticos e a Igreja Católica, estes militantes permaneceram ligados à Central Única dos Trabalhadores (CUT). Em grande parte, isto fazia repetir em Volta Redonda certas características do movimento observado em outras regiões do país ao longo da década de 1980 e que se convencionou chamar de *novo sindicalismo*.

Apesar desta história precedente, o “pano-de-fundo” dos anos 1990 traria uma significativa mudança no plano da ação sindical em Volta Redonda. Da mesma forma, os constrangimentos, as pressões e as novas orientações experimentadas pelo sindicato dos metalúrgicos ganhariam representação na trajetória de um “novo” personagem. Luiz de Oliveira Rodrigues, o *Luizinho*, um antigo militante até então vinculado à Igreja Católica e à Central Única dos Trabalhadores (CUT).

É importante destacar que esta espécie de “virada” foi proporcionada pela adesão de importantes lideranças de Volta Redonda à *Força Sindical*, central que desde 1991 se apresentava como um projeto político-sindical alternativo e *anticutista*<sup>11</sup>. Por outro lado, mesmo que não se perca de vista as diversas formas de perseguição que recaíram sobre os remanescentes da Central Única dos Trabalhadores, sejam estas empreendidas pela companhia ou mesmo pelos ativistas rivais, parte significativa das lideranças que atuaram no SMVR nos anos 1980 acabaram por seguir carreiras distintas, ainda que em outros movimentos sociais, afastando-se da atividade sindical ou mesmo de Volta Redonda.

Não obstante, o fato mais curioso é que a liderança que daria novos rumos ao sindicalismo de Volta Redonda tratava-se de um sindicalista cuja biografia, até certo momento, poderia ser facilmente enquadrada como uma perfeita tipificação do militante da CUT ou do *novo sindicalismo*.

### **trajetória**

A trajetória profissional de Luiz Rodrigues tem início como aluno-operário da Escola Técnica Pandiá Calógeras (ETPC)<sup>12</sup>, desdobrando-se pelo trabalho na Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) e em algumas das empresas terceiras que auxiliam a CSN no processo de produção do aço. Já sua “atividade política” teve início e esteve por um bom tempo orientada pela influência do movimento social ligado à Igreja Católica.

*E eu participei muito da igreja. Porque a minha mãe é muito religiosa. Eu lembro até que com meus treze anos eu estava lá... para ser sacristão. Depois eu participei como leigo até os vinte poucos anos da igreja. Era um espaço que eu tinha para sair da exclusão, vamos dizer assim. Eu olhava a sociedade e não sabia como entrar nela. Então, a igreja era um espaço para eu avistar um pouco a sociedade. A empresa não era. Você entra dentro de uma empresa, você é um anônimo.*

Já sua “carreira” de sindicalista teria começo em 1983 quando integra a *Oposição Sindical* que, liderada por Juarez Antunes, chega à direção do sindicato. Na ocasião, *Luizinho* fazia parte inclusive de uma facção mais radical de ativistas.

*Vou entrar para o sindicato de 82 para 83... E numa briga com a igreja. A igreja não entendia um rapaz casado ficar andando pra lá e pra cá, sabe... ficar saindo de emprego... não entendia. (...)*

*Aí eu abri com a igreja. Tinha um grupo que era da Ação Católica, que era o Wagner, o José Emídio, é um grupo importante... forte, importante. Eles montaram uma chapa e nós montamos a nossa, que não é o grupo da igreja, era o grupo do Juarez. Aí é que foi o meu racha com a igreja, a esquerda veio do Juarez e eu fui ser então mais íntimo com o pessoal da esquerda. Fui então me organizar dentro do MEP, que estava às vésperas de virar MCR, movimento comunista revolucionário, uma fusão do MEP com a ALN. Então eu me fundi com esse pessoal... para ganhar a eleição com o Juarez.*

Por ocasião daquela que foi a primeira greve ocorrida na CSN, em 1984, certas divergências levariam à ruptura do sindicalista com Juarez Antunes e à demissão do sindicato. Com algumas desavenças contornadas, *Luizinho* retorna ao sindicato, mas ainda tenta manter um *novo grupo de oposição*. Apesar disto, uma maior expressão desta oposição interna é abafada pela reeleição de Antunes em 1986 com 86% dos votos. Não obstante algumas discordâncias com outros diretores, *Luizinho* manteve-se como uma importante liderança do sindicato até fins dos anos 1980. Ao final da década, novos conflitos com a direção do sindicato, sobretudo após a morte de Juarez Antunes em 1989, fizeram com que Luiz Rodrigues fosse definitivamente expulso da entidade, o que de algum modo também está relacionado a uma ruptura mais definitiva com a Igreja Católica.

Em meio ao debate sobre a privatização da CSN (1991-92), o sindicalista e outros militantes (inclusive antigos aliados de Juarez Antunes), conquistaram o apoio da *Força Sindical* para a formação do grupo de oposição chamado *formigueiro*. Mesmo estando fora do sindicato, este grupo chega até a negociar um acordo salarial com a CSN. Em julho de 1992, *Luizinho* encabeça uma chapa que com 50% dos votos chega à direção do sindicato.

Luiz de Oliveira Rodrigues foi reeleito em 1995, mas, devido a problemas de saúde de sua esposa, ele não chega a cumprir integralmente seu segundo mandato, afastando-se um ano antes do término, em 1997. A entidade foi assumida pelo então vice-presidente Carlos Henrique Perrut. No ano seguinte, Luiz Rodrigues tornou-se vice-presidente da *Confederação Nacional dos Trabalhadores da Indústria Metalúrgica* (CNTM), entidade controlada pela *Força Sindical* e à época comandada por Luiz Antônio de Medeiros, ex-presidente e fundador desta central. Com a eleição de Medeiros a deputado federal, *Luizinho* assumiu a presidência da CNTM em 1999, cargo em que ele até hoje se mantém.

O apoiado por *Luizinho*, Carlos Henrique Perrut consolidou sua posição dentro do SMVR, sendo eleito presidente da entidade em 1998 com 54% dos votos. Apesar de um forte embate ideológico durante o processo eleitoral, a chapa da CUT conquistou apenas 32% dos votos. Em 2002, depois de um controverso processo eleitoral onde a CUT, ou qualquer das suas correntes que atuam em Volta Redonda, não conseguiu lançar-se na

disputa pelo sindicato, a chapa encabeçada por Perrut mais uma vez seria eleita, agora trazendo *Luizinho* como membro de sua direção executiva.

Em novembro de 2004, após denúncias realizadas por integrantes da oposição sindical ligada à *CUT*, Carlos Henrique Perrut, juntamente com o diretor financeiro do SMVR, foi afastado da presidência da entidade. Com o apoio da maioria dos diretores, Luiz de Oliveira Rodrigues reassumiu o sindicato e instaurou a sindicância interna que revelaria meses depois um desvio de mais de R\$ 5,5 milhões. A partir de então se instaurou em Volta Redonda uma verdadeira batalha envolvendo ações e outras medidas judiciais que fizeram a direção do sindicato ser alternada entre *Luizinho* e Perrut mais duas vezes.

Apesar de a expulsão de Perrut ter sido aprovada em assembléia pelos trabalhadores, *Luizinho* foi definitivamente afastado da presidência por uma decisão judicial no início do mês de abril. Ao reassumir o cargo, isolado, Perrut anunciou imediatamente a desfiliação do SMVR junto à *Força Sindical*. Dias depois, o ele passaria a discutir o novo alinhamento do sindicato com Jadir Baptista, dirigente da Federação Interestadual da *CUT* (RJ e ES) e um expressivo representante da *CUT* em Volta Redonda. Apesar das posições contrárias de outros militantes *cutistas* e da direção estadual da central, Jadir não apenas aceitou a filiação, como também passou a ter um papel ativo dentro da direção da entidade, participando de negociações e demais atividades do sindicato. Não obstante o apoio da *Força Sindical* e de 28 dos 40 membros da direção do sindicato, *Luizinho* permaneceu afastado de toda atividade do SMVR até a finalização deste artigo.

### **Considerações Finais**

Este estudo teve como pano de fundo as duas últimas décadas da história do Sindicato dos Metalúrgicos de Volta Redonda, período em que ocorreu um conjunto expressivo de mudanças no plano da orientação da ação sindical. O objetivo foi “cruzar” o curso dessas transformações com um personagem não apenas emergido das conjunturas pelas quais se desenvolveu a trajetória do SMVR, mas que com a mesma importância foi um dos agentes mais diretamente envolvidos na mudança.

A controversa trajetória de Luiz de Oliveira Rodrigues bem representa as tensões e as transformações que foram colocadas aos metalúrgicos de Volta Redonda na década de 1990. É certo que campanha de *saneamento* e privatização da CSN produziu um ambiente bastante hostil aos militantes mais combativos e à sobrevivência da ação sindical em Volta Redonda. Entretanto, este contexto possibilitou uma considerável alteração nas práticas sindicais e o surgimento de novos atores neste cenário, sobretudo a *Força Sindical*.

Entretanto, os últimos desdobramentos observados em Volta Redonda, ainda muito recentes, como o inesperado retorno à cena da Central Única dos Trabalhadores, reforçam a idéia geral deste artigo de mostrar que o curso experimentado pelo Sindicato dos Metalúrgicos de Volta Redonda em seus momentos cruciais vem se confundindo consideravelmente com as trajetórias de seus militantes em seus diferentes períodos, ambigüidades e tensões.

---

<sup>1</sup> Doutorando em Sociologia do Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGSA/UFRJ).

<sup>2</sup> Já na década de 1950, o SMVR já se mostrava bastante capaz de atuar nas questões urbanas. Ver Morel, Regina *A ferro e fogo. Construção e crise da "família siderúrgica": o caso de Volta Redonda (1941-1968)*. Tese de doutoramento. Departamento de Sociologia da FFLCH/USP. São Paulo, 1989 (mimeo).

<sup>3</sup> Refiro-me aos desdobramentos do Concílio Vaticano II (1962-1965) e da II Conferência Geral do Conselho Episcopal Latino-Americano (Celem) realizada na Colômbia em 1968. Ao servir de fundamento para a criação das Comunidades Eclesiais de Base e da Teologia da Libertação, esta nova orientação da Igreja estimulou o engajamento de inúmeros sacerdotes e militantes católicos nas lutas sociais no Brasil (Costa, Pandolfi e Serbin (orgs.). *O Bispo de Volta Redonda: memórias de Dom Waldyr Calheiros*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001).

<sup>4</sup> Para uma análise da criação do SMVR em meio a suas relações com o Estado Novo e a CSN, bem como sobre os modos pelos quais o movimento dos trabalhadores de Volta Redonda ganhou autonomia face ao controle corporativo, ver Morel (op. cit.).

<sup>5</sup> Além do estudo de Wilma Mangabeira sobre a consolidação e os dilemas do *novo sindicalismo* em Volta Redonda (*Os dilemas do Novo Sindicalismo: democracia e política em Volta Redonda*. Rio de Janeiro: ANPOCS/Relume-Dumará, 1993), um interessante relato sobre atuação de trabalhadores e sindicalistas durante as greves da década de 1980 pode ser encontrado no trabalho de Veiga e Fonseca (*Volta Redonda, entre o aço e as armas*. Petrópolis: Vozes, 1990).

<sup>6</sup> Graciolli, Edilson J. "Um laboratório chamado CSN: greves, privatização e sindicalismo de parceria (a trajetória do sindicato dos metalúrgicos de Volta Redonda)". XXIV Encontro anual da ANPOCS. GT Sindicalismo e Política. Petrópolis, 2000 (mimeo).

<sup>7</sup> Entre os quatro presidentes eleitos entre 1974 e 1995, por exemplo, Juarez Antunes foi a única liderança não "formada" sob a influência da Igreja Católica. Um olhar sobre a relação entre igreja e movimento sindical de Volta Redonda pode ser encontrado em Costa, Pandolfi e Serbin (op. cit.).

<sup>8</sup> Ver Lima Netto. *Volta por cima*. Rio de Janeiro: Record, 1993.

<sup>9</sup> A família Barcellos, José Emídio, o pai, e seus filhos Wagner e Wanderlei, constituía o núcleo principal da Ação Católica Operária (ACO) em Volta Redonda (Veiga e Fonseca op. cit.).

<sup>10</sup> Já na eleição de 1989 observou-se o que podemos considerar como primeiro "investimento" do chamado "sindicalismo de resultados" em Volta Redonda. Contudo, a chapa nº. 2, apoiada pela Central Geral dos Trabalhadores (CGT) e por Luiz Antônio de Medeiros, obteve apenas 7,7% dos votos, contra os 85,42% da chapa vitoriosa (Mangabeira op. cit.).

<sup>11</sup> Comin, Álvaro A. "A experiência de organização das centrais sindicais no Brasil". Em: Oliveira, Carlos A. B. de. et alii. *O mundo do trabalho: crise e mudança no final do século*. São Paulo: Scritta, 1994.

<sup>12</sup> A ETPC foi criada na década de 1940 para a formação da mão-de-obra para a CSN.